



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Setembro 2026



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

SETEMBRO: Pelo cuidado com a água

Rezemos por uma gestão justa e sustentável da água, recurso vital, para que todos tenham acesso equitativo a ela.

FÁTIMA | 20 de Setembro

Como já vai sendo habitual, no próximo dia **20 de Setembro**, teremos o nosso **encontro anual, em Fátima**. Caso queira participar, por favor, entre em contacto connosco.

Será para nós um enorme gosto poder estar consigo neste dia em particular para juntos rezarmos pelos Cristãos que sofrem e são perseguidos.



Caros amigos, aproxima-se o dia **7 de Outubro**, no qual crianças de todo o mundo se unirão para participar na nossa grande campanha de oração, **“Um milhão de Crianças rezam o Terço”**, pela paz e a unidade.

Por favor, ajude-nos a divulgar esta iniciativa junto dos seus amigos, familiares, escolas e paróquias.

Preparámos alguns materiais que poderá receber na sua morada para distribuir gratuitamente ou descarregar no site www.fundacao-ais.pt. Com a hashtag **#TerçodasCrianças** poderá participar na campanha das redes sociais e divulgá-la.

Desta forma, podemos tornar a nossa união na oração visível em todos os continentes. Ficamos à vossa disposição para esclarecimentos.

Muito obrigado pela vossa colaboração nesta jornada de oração!

Tel. 21 754 40 00 (de 2ª a 5ª feira, das 9h às 18h e 6ª feira das 9h às 15h)
ou apoio@fundacao-ais.pt

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
EDIÇÃO Alexandra Ferreira
FOTOS © AIS, © Jaco Klamer

CAPA Esperança
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

A ESPERANÇA QUE NÃO DESILUDE

Numa pequena aldeia da Síria, devastada pela guerra, uma idosa cristã regressou um dia à sua casa depois de anos de deslocação forçada. Encontrou apenas ruínas. O telhado tinha desaparecido, as paredes estavam rachadas e quase todos os seus pertences tinham sido destruídos. Um jornalista que a acompanhava perguntou-lhe o que sentia ao ver a sua casa naquele estado.

A mulher permaneceu em silêncio durante alguns segundos. Depois, apontou para uma cruz de madeira que continuava pendurada numa parede parcialmente destruída e respondeu: *“Se Cristo confiou, eu também tenho de confiar.”*

Humanamente, aquela resposta parecia incompreensível. Não havia segurança, conforto nem garantias de futuro. Havia apenas escombros. E, no entanto, naquela mulher existia algo mais forte do que a destruição: a esperança.

Esta cena ajuda-nos a compreender uma das virtudes mais necessárias para o nosso tempo, em que muitos se sentem tentados pelo desânimo ou pela convicção de que nada pode mudar. Mas a esperança cristã nasce precisamente quando os motivos puramente humanos parecem insuficientes.

Como escreve São Paulo: *“A esperança não desilude, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5,5).

A esperança de que fala o Evangelho não é um simples estado de espírito positivo nem

um optimismo ingénuo. É a certeza de que Deus permanece fiel às Suas promessas e continua a agir na história, mesmo quando os nossos olhos não conseguem ver o caminho.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que *“a esperança é a virtude teologal pela qual desejamos como nossa felicidade o Reino dos Céus e a vida eterna, pondo a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no auxílio da graça do Espírito Santo”* (CIC, 1817).

Esta definição contém uma verdade fundamental: a esperança cristã não é optimismo. O optimista acredita que as circunstâncias vão melhorar; o cristão espera porque acredita que Deus é fiel, mesmo quando as circunstâncias parecem piorar.

A Sagrada Escritura oferece-nos inúmeras testemunhas da esperança. Entre elas destaca-se Abraão, que, segundo São Paulo, *“esperando contra toda a esperança, acreditou”* (Rm 4,18).

Humanamente falando, tudo parecia impossível: a idade avançada, a esterilidade de Sara, a ausência de garantias. Contudo, Abraão confiou na promessa de Deus. A sua esperança não se apoiava em cálculos humanos, mas na fidelidade divina.

Também nós conhecemos situações semelhantes. Há pais que rezam durante anos por um filho afastado da fé. Há pessoas que enfrentam uma doença prolongada sem saber qual será o desfecho. Há comunidades cristãs perseguidas que vêem as suas igrejas

destruídas e os seus sacerdotes ameaçados. A esperança cristã não elimina a dor destas situações, mas impede que a dor tenha a última palavra.

Os primeiros cristãos viveram em circunstâncias muito difíceis. Sofreram perseguições, prisões e até o martírio. No entanto, surpreendiam o mundo pela serenidade e pela alegria. A razão encontrava-se numa convicção profunda: Cristo ressuscitou. Como escreve São Pedro, Deus fez-nos renascer para *“uma esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos”* (1 Pd 1,3).

A esperança cristã tem um rosto: Jesus Cristo. Não esperamos algo; esperamos Alguém.

Por isso, Santo Agostinho afirmava que toda a vida cristã é marcada pela tensão entre a promessa e o seu cumprimento. Caminhamos ainda neste mundo, mas já conhecemos o destino para o qual nos dirigimos.

O Papa Bento XVI dedicou uma encíclica inteira a esta virtude, *Spe Salvi* (*“Salvos na Esperança”*). Nela recorda que quem tem esperança vive de maneira diferente, porque sabe que a sua vida tem um sentido e um futuro. Esta é uma mensagem particularmente actual. Muitas das angústias contemporâneas nascem precisamente da perda do sentido último da existência. Quando desaparece o horizonte da eternidade, qualquer sofrimento parece absurdo e qualquer fracasso parece definitivo. A esperança cristã devolve profundidade à vida. Recorda-nos que nenhum gesto de amor é inútil, nenhuma lágrima é ignorada por Deus e nenhuma fidelidade permanece sem recompensa.

O Papa Francisco insistiu inúmeras vezes na necessidade de sermos homens e mulheres

de esperança. Numa cultura marcada pela pressa, pelo individualismo e pelo pessimismo, o Santo Padre convidou os Cristãos a tornarem-se semeadores de esperança. Mas esta, não é passiva. Não consiste em esperar de braços cruzados. Pelo contrário, leva-nos a agir, a construir pontes, a cuidar dos mais frágeis e a testemunhar a presença de Deus no meio das feridas do mundo.

O Papa Leão XIV, no passado Ano Jubilar, dedicado à Esperança, fez uma série de reflexões sobre esta virtude teológica. *“A esperança cristã não é evasão, mas determinação. [...] Esta é a verdadeira esperança: saber que, mesmo na escuridão da provação, o amor de Deus nos sustenta...”* (27-10-2025). O Santo Padre afirmou ainda que *“a esperança cristã não nasce no barulho, mas no silêncio de uma espera habitada pelo amor. Não é filha da euforia, mas do abandono confiante. É a Virgem Maria quem no-lo ensina: ela encarna esta espera, esta confiança, esta esperança”*. E nos fez um convite: *“Quando nos parece que tudo está parado, que a vida é um caminho interrompido, lembremo-nos do Sábado Santo. Até no sepulcro Deus prepara a maior surpresa”* (17-09-2025).

Num mundo frequentemente tentado pelo medo e pela desesperança, os Cristãos são chamados a recordar uma verdade essencial: Deus continua presente na história. Por isso, a esperança cristã não é ingenuidade. É uma certeza fundada na fidelidade de Deus. Cada gesto de fé, cada acto de caridade, cada oração, cada sacrifício oferecido por amor contribui para a construção do Reino de Deus. E é precisamente por isso que a esperança não desilude. Porque Aquele que a sustenta nunca falha.

Pe. José Carlos Nunes

Assistente Espiritual da Fundação AIS



MÉDIO ORIENTE

OS CRISTÃOS DO ORIENTE: UMA MINORIA NO FIO DA NAVALHA

O desaparecimento progressivo dos Cristãos do Médio-Oriente não é um dano colateral da guerra. É um indicador estrutural do colapso da ordem regional.

Compreender porque é que actualmente os Cristãos estão encurralados no Médio Oriente, exige olhar para a estrutura e não apenas para os acontecimentos. No Iraque, desde 2003, o Estado não é senão uma fachada. Quem governa realmente os territórios é uma concentração de milícias,

de lógicas tribais e de redes de lealdade religiosa estruturadas em torno do eixo iraniano. Neste sistema, os Cristãos não dispõem de nenhuma estrutura tribal suficiente nem de patrocínio regional durável. A sua sobrevivência assenta na sua inteligência política, uma capacidade para



No Médio Oriente, as escolas administradas por religiosas acolhem cristãos e muçulmanos. Uma sala de aula em Jabboulé, no Líbano.

estabelecer alianças transversais, e no seu enraizamento eclesiológico, isto é, sobre a paróquia como último espaço institucional funcional.

No Líbano, o Padre maronita Pierre el-Rahi, morto por uma granada na sua aldeia de Qlayaa quando se recusou abandonar a sua paróquia, encarna esta realidade com uma clareza dolorosa: a linha da frente está, agora, onde se encontram os últimos padres. No Irão, a duplicação das prisões de convertidos, entre 2024 e 2025, revela qualquer coisa de essencial sobre o estado do regime: um poder que duplica as prisões de cristãos num contexto de bombardeamentos e de contestação interna, não é um poder seguro de si. É um poder que tem medo. E os Cristãos são sempre os primeiros a

pagar o preço do medo que têm os poderosos.

A eleição de Mar Paul III Nona, como novo patriarca da Igreja Caldeia, a 12 de Abril de 2026, em Roma, revela uma fractura geográfica e existencial que, a partir de agora, atravessa todo o Cristianismo oriental: a tensão entre os que ficam e os que se foram embora. Nascido em Alqosh, na Planície de Nínive, educado em Roma, forjado pelo horror de Mossul sob o regime do Daesh em 2014, colocado durante 10 anos à frente da eparquia caldeia da Austrália e da Nova-Zelândia, Mar Paul III encarna uma ponte entre as duas realidades da Igreja Caldeia.

A diáspora é um recurso. Financia a reconstrução das aldeias de Nínive,



Vigília de oração em Bagdade, no Iraque.

apoia as escolas e exerce uma pressão diplomática. Mas é também estruturalmente um espelho do desaparecimento. Cada família estabelecida em Melbourne ou em Detroit significa um lar a menos em Karamlesh ou em Alqosh, uma casa vendida, mais uma geração afastada da Mesopotâmia. A própria formulação da missão do novo patriarca, servir a unidade da Igreja “tanto no Médio Oriente como na diáspora”, revela toda a tensão: manter unidas as duas partes de um povo que se está a dividir entre uma terra que morre e comunidades que vivem.

Os Cristãos do Oriente não se enquadram em nenhuma categoria analítica disponível. Não são nem uma minoria étnica homogênea, nem um agente confessional monolítico, nem

uma força armada. nem um lobby poderoso da diáspora. Todavia, o seu desaparecimento reestrutura profundamente as sociedades do Médio Oriente. Acelera a tribalização confessional, destrói frequentemente os últimos espaços de mediação intercomunitária e apaga uma memória de pluralidade que existia muito antes do Islão e que constitui um dos recursos mais preciosos para todo o projecto de reconstrução pós-conflito.

Na Planície de Nínive como nas ruas de Aleppo, na aldeia de Taybeh na Cisjordânia como nas paróquias libanesas bombardeadas, observa-se uma mesma lógica: a Igreja mantém-se de pé, porque homens e mulheres escolhem mantê-la. Esta escolha – ficar – é em si própria um



Refugiados e deslocados internos no campo de Khazer, na Planície de Nínive, Mossul, Iraque.

acto político no sentido mais profundo do termo. Demonstra que a presença cristã no Médio Oriente não é um vestígio do passado, mas uma condição do futuro. Porque as sociedades que sobrevivem às crises são as que conservam, mesmo em minoria, agentes capazes de pensar no bem comum para além da mera pertença tribal ou confessional. Apoiar os Cristãos do Oriente é apoiar esta capacidade.

Oração

*Para que os Cristãos do Oriente se sintam sempre fortalecidos na fé e na esperança, e apoiados pelos seus irmãos na fé em todo o mundo, **nós Te pedimos Senhor.***

UMA MINORIA NO FIO DA NAVALHA

A presença, ou ausência, dos Cristãos do Oriente mede o estado real do tecido social de uma sociedade com uma precisão que nem os relatórios diplomáticos nem as análises estratégicas conseguem alcançar. Aí, onde vivem, encontram-se ainda espaços de pluralidade funcional, redes de confiança intercomunitária, uma memória institucional anterior à tribalização do poder. Aí, de onde foram expulsos, está toda a estrutura social que ruiu com eles.



SANTA HILDEGARDA

UMA VISIONÁRIA PARA TODAS AS ERAS

Santa Hildegarda de Bingen (1098–1179) é uma maravilha do passado, um fenómeno histórico por direito próprio, e um questionamento directo a todos os que se preocupam em aprender sobre ela e com ela hoje, no séc. XXI. Em suma, a sua vida e escritos colocam uma dura pergunta: teria Deus falado por meio dessa mulher, não apenas para os contemporâneos dela, mas a toda a humanidade, em todas as épocas, ou ela não passou de uma mulher muito doente?

Hildegarda passou quase toda a vida no vale do Reno, perto de onde o rio Meno nele desagua. O vale central da Renânia é uma das regiões mais férteis da Alemanha; possui um clima suave e temperado, onde as pessoas viveram em comunidades durante milénios. Desde as suas origens, que o Reno forma uma via rápida natural nas terras alpinas até à sua foz no Canal da Mancha e no Mar do Norte. O paradoxo da vida de Hildegarda é que ela foi uma alma solitária e contemplativa que viveu numa importante via, por assim dizer, onde se tornou o centro das atenções.

Hildegarda, uma de talvez 10 filhos de um casal da nobreza local, provavelmente teve uma primeira infância bastante privilegiada e normal, excepto por sofrer de uma doença que a deixava acamada. Durante esses períodos de fraqueza e dor, ela começou a ver imagens incomuns, talvez a partir dos 5 anos de idade. Quando falou com as pessoas sobre as suas visões, mandaram-na ficar calada. Quando tinha 7 anos, os pais decidiram que ela deveria entrar para a vida religiosa, e assim entregaram-na aos cuidados de Jutta, uma anacoreta,

enclausurada numa cela de pedra adjacente a um mosteiro beneditino. Lá Hildegarda viveu, estudou, trabalhou e rezou durante 30 anos. Um número cada vez maior de jovens foi viver com elas, até que Jutta se tornou a superiora de um pequeno convento beneditino. Quando Jutta morreu, em 1136 (Hildegarda tinha 38 anos), a comunidade de mulheres religiosas escolheu-a por unanimidade para as liderar. Pouco se sabe dessas três décadas da vida de Hildegarda, com a exceção de que os seus ataques de doença e as visões continuaram. Ela só falou com Jutta sobre as visões, mas esta informou um monge, Volmar, cuja posição era supervisionar as religiosas e ministrar-lhes os sacramentos.

A vida de Hildegarda mudou radicalmente aos 42 anos. Nessa altura, ela já tinha a sua visão mais poderosa, não apenas uma visão de luzes e imagens, mas de inspiração, de compreensão, uma infusão de conhecimento sobre o significado da Escritura e de todo o conteúdo da fé. Também recebeu a ordem de escrever o que tinha aprendido. Sentindo-se aquém da tarefa, Hildegarda ficou gravemente doente. Volmar mandou que ela escrevesse, e o abade do mosteiro adjacente concordou. A sua doença abrandou e ela começou a escrever o que tinha visto em latim (que não aprendera muito bem), trabalhando com Volmar, que a ajudou durante os 30 anos seguintes. A sua primeira e maior obra, *Scivias*, discorre em três livros sobre Deus e toda a Criação, a Redenção, a Igreja, o demónio e, finalmente, sobre toda a história da salvação. O primeiro a ler trechos da obra foi o abade; depois, o Arcebispo de Mainz; depois, São Bernardo de Claraval e o próprio Papa, Eugénio (1145–1153), que leu os escritos dela em voz alta aos participantes de um sínodo na cidade de Trier, na Alemanha. A notícia tinha-se espalhado. Uma verdadeira profetisa vivia no Reno. Ainda que limitada, chegara ao fim a solidão de Hildegarda.

Novas vocações afluíram ao seu convento. Talvez para separar as ovelhas dos cabritos, transferiu a sua comunidade para um vale desabitado e arborizado nas margens do Reno, e começou a construir o novo convento. Mas o movimento não parou por aí. Em poucos anos, teve de fundar outro convento, desta vez na margem oposta do rio. Como abadessa, visitava aquele mosteiro uma ou duas vezes por semana. **As pessoas afluíam para ouvi-la falar, para receber a sua bênção e para obter tratamentos para as suas doenças. Tempos depois, publicou um grande tratado sobre muitas doenças e o modo de curá-las com o uso de plantas, ervas, partes de animais e pedras preciosas. Trocou muita correspondência com o mais alto escalão da sociedade medieval: imperadores, papas, reis, bispos e arcebispos, príncipes, abades e abadessas, além de muitos sacerdotes, religiosas e membros da nobreza.** Existem hoje mais de 300 cartas dela, e sem dúvida muitas outras foram escritas durante a sua longa vida.

Recorreram a ela para pedir conselhos, para saber o estado de alma das pessoas, para pedir explicações da Escritura, explicações teológicas dos mistérios divinos e conhecimento sobre o futuro. Ela foi convocada para se reunir com o sacro imperador romano e fazer previsões para ele, que depois as confirmou. Ela falava e escrevia sobre o que lhe chegava, fossem notícias boas ou más. A sua voz interior disse-lhe muitas coisas de que se queixar.

Ela não guardava nada para si quando se tratava de dilacerar clérigos e prelados corruptos por causa de seus abusos da Igreja, da venda de ofícios e por levarem vidas de pompa, luxo e repletas de prazeres sexuais. Quando um prior lhe escreveu, pedindo que rezasse por ele porque fazia o mesmo por ela e porque queria um bom desfecho para os seus negócios, ela repreendeu-o sem rodeios por causa do seu egoísmo e da sua visão pagã de oração. Não temos como saber o número de pessoas que ficavam perplexas com ela.

Além das centenas de cartas, escreveu outro livro sobre a vida moral e seus méritos, uma obra visionária como Scivias, sobre como temos de viver para participar da paz e da glória celestes. Outro livro é dedicado à descrição das obras divinas. Além do tratado médico, escreveu livros para explicar como funciona a natureza de acordo com os preceitos misteriosos de Deus. Recebeu a revelação da ordem divina em todas as coisas e esforçou-se por transmitir essa ordem a outras pessoas. Também compôs 70 canções e uma peça musical de moralidade sobre as virtudes. O seu estilo, em prosa e em verso, é sempre vívido, persuasivo e repleto de imagens proféticas; é o oposto da escrita académica árida e técnica. Contudo, não é fácil distinguir precisamente entre o que ela recebeu em visões, o que aprendeu noutros livros e na tradição local e oral, e o que observava e pensava por si.

Obviamente, tal proeminência (destituída de quaisquer credenciais formais ou o uso da força que lhe servisse de apoio) fez com que ela arranjasse alguns problemas. Foi necessário muito esforço para convencer o abade (sob cuja autoridade ela vivera com Jutta) a permitir que ela transferisse as suas monjas e os seus dotes para a nova localidade no Reno. As suas exortações aos clérigos e leigos poderosos e pecaminosos aumentaram a sua lista de potenciais detractores e inimigos. Algumas pessoas disseram que ela era uma impostora egoísta, ou simplesmente louca. O conflito com o seu bispo para impedir que a sua protegida, a Irmã Richardis, fosse liderar outro convento foi uma causa perdida, já que afinal o Papa interveio para apoiar o bispo. O caso não fez com que ninguém mostrasse suas melhores qualidades. Por volta do fim da sua vida, Hildegarda permitiu que um homem excomungado fosse enterrado no solo sagrado de seu convento; ela disse que ele se havia reconciliado verdadeiramente com Deus logo antes de morrer. O bispo discordou e pôs seu convento sob interdito, negando a Hildegarda e suas freiras o acesso aos sacramentos, mas ela o cansou com orações e súplicas. Em poucos meses, o interdito foi suspenso, e o túmulo permaneceu intacto. Porém, esses conflitos foram antes a exceção do que a regra.

O facto de ela ter sido uma mulher que viveu no séc. XII não representou um obstáculo sério à sua missão de disseminar a palavra da revelação de Deus até o fim da sua vida. Com cerca de 60 anos, realizou quatro longas viagens pela área rural local, pregando tanto para o clero como para os leigos, com a aprovação de ninguém menos que o Papa. As suas canções eram cantadas em locais tão distantes quanto Paris, e a palavra da sua sabedoria espalhou-se por toda a cristandade. Depois da sua morte, com a idade venerável de 81 anos, iniciou-se imediatamente um culto dedicado a ela. Embora não haja nenhum registo da sua

canonização oficial nos sécs. XII e XIII, foi listada entre os santos do Martirológio Romano ainda no séc. XVI. Foi só recentemente que o Papa Bento XVI a inscreveu no catálogo dos santos (uma acção chamada de “*canonização equivalente*”), no dia 10 de Maio de 2012; e a 7 de Outubro do mesmo ano deu-lhe o título de Doutora da Igreja, um reconhecimento concedido a somente 33 pessoas até então, três delas mulheres.

Mas, por estarmos no séc. XXI, muitas pessoas simplesmente não aceitam que Deus tenha comunicado nada, muito menos a verdade, através de Hildegarda. Alguns historiadores diagnosticaram os seus sofrimentos contínuos como enxaquecas, mas todos falharam completamente em explicar a origem das suas visões em termos médicos. Não podemos negar que alguns dos seus sintomas se assemelham aos da enxaqueca, mas o poder e a riqueza das suas visões, bem como a profundidade da compreensão que ela mesma tinha delas, têm uma fonte muito diferente.

Ela não é uma desconhecida na Alemanha contemporânea, mas a maioria das pessoas conhece o seu nome pelos motivos errados. Há uma linha de produtos e um site na internet com o seu nome e vendem elixires feitos de plantas, remédios, cremes, pós, pedras e especiarias, todos comercializados para a felicidade, o sentimento de liberdade e a independência das pessoas. Porém, a prioridade de Hildegarda era a santificação e a salvação dos outros. Alega-se que os produtos são baseados nos escritos dela, mas eles estão mais alinhados com o comercialismo da Nova Era. Mais séria e mais digna é a associação (*Bund der Freunde Hildegards*) que publica um periódico trimestral e possui uma rede de médicos, quiropráticos e pesquisadores da área médica, que fazem um verdadeiro esforço para aplicar os seus remédios e metodologias aos problemas que as pessoas enfrentam hoje. Mas esse grupo quase não entende a mensagem religiosa de Hildegarda. Num nível mais popular, cineastas alemães lançaram um longa-metragem sobre ela em 2009: *Vision: From the Life of Hildegard von Bingen* (“*Visão: Da Vida de Hildegarda de Bingen*”). O filme apresenta-a como religiosa, abadessa, escritora, compositora e médica, terminando com os preparativos para uma viagem de pregação. Infelizmente, porém, a produção concentra-se nos seus esforços para ser reconhecida pelos homens da Igreja, bem como para conseguir a independência em relação ao seu controlo. O guião conta a história da luta de uma mulher pobre e oprimida do séc. XII para se tornar plenamente ela mesma diante de uma hierarquia eclesiástica medíocre, invejosa, sexista e masculina.

Hildegarda foi e é muito mais do que isso. Muito simplesmente, ela foi uma grande santa. Sofreu e lutou terrivelmente. Amou a Deus acima de todas as coisas e sacrificou tudo para Lhe agradar. Perseverou até o fim. Inspirou inúmeras pessoas. Disse-lhes que deveriam deixar de pecar e abraçar a santidade. Para a conhecer, leia os seus escritos. Algumas imagens parecerão exóticas ou bizarras, mas a sabedoria dos seus preceitos morais e conhecimentos religiosos merece um sério exame e um grande respeito.

Adaptação de <https://padrepauloricardo.org/blog/santa-hildegarda-uma-visionaria-para-todas-as-eras>



UMA SURPRESA DE SALVAÇÃO

Queridos irmãos e irmãs, bom Domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje compõe para todos nós uma imagem cheia de luz, narrando a Transfiguração do Senhor (cf. Mt 17, 1-9). Para a representar, o evangelista mergulha o seu pincel na memória dos Apóstolos, pintando Cristo entre Moisés e Elias. O Verbo feito homem está entre a Lei e a Profecia: ele é a Sabedoria viva, que leva a cumprimento toda a palavra divina. Tudo o que Deus ordenou e inspirou aos homens encontra em Jesus a sua manifestação plena e definitiva.

Como no dia do baptismo no Jordão, também hoje ouvimos a voz do Pai, que proclama no monte: *“Este é o meu Filho muito amado”*, enquanto o Espírito Santo envolve Jesus numa *“nuvem luminosa”* (Mt 17, 5). Com esta expressão, verdadeiramente singular, o Evangelho descreve o estilo da revelação de Deus. Quando Se manifesta, o Senhor revela a Sua excelência aos nossos olhos: diante de Jesus, cujo rosto resplandece *“como o sol”* e cujas vestes se tornam *“brancas como a luz”*, os discípulos admiram o esplendor humano de Deus. Pedro, Tiago e João contemplam uma glória humilde, que não se exhibe como um espectáculo para as multidões, mas como uma solene confiança.

A Transfiguração antecipa a luz da Páscoa, evento de morte e de ressurreição, de trevas e de nova luz que Cristo irradia sobre todos os corpos flagelados pela violência, sobre os corpos crucificados pela dor, sobre os corpos abandonados na miséria. Com efeito, enquanto o mal reduz a nossa carne a uma mercadoria de troca ou a uma massa anónima, precisamente esta mesma carne resplandece da glória de Deus. O Redentor transfigura assim as chagas da história, iluminando a nossa mente e o nosso coração: a Sua revelação é uma surpresa de salvação! Deixamo-nos fascinar por ela? O verdadeiro rosto de Deus encontra em nós um olhar de admiração e amor?

Ao desespero do ateísmo, o Pai responde com o dom do Filho Salvador; o Espírito Santo resgata-nos da solidão agnóstica, oferecendo uma comunhão eterna de vida e graça; diante da nossa fé fraca, está o anúncio da ressurreição futura: eis o que os discípulos viram no esplendor de Cristo, mas para compreendê-lo é preciso tempo (cf. Mt 17, 9). Tempo de silêncio para ouvir a Palavra, tempo de conversão para apreciar a companhia do Senhor.

(...) Peçamos a Maria, Mestra de oração e Estrela da manhã, que guarde os nossos passos na fé.



SANTUÁRIOS EM PORTUGAL

Santuário de Nossa Senhora de Aires (Viana do Alentejo)

Romaria: Nossa Senhora de Aires, uma das peregrinações mais marcantes do Alentejo

O santuário de Nossa Senhora de Aires, considerado o maior templo cristão do sul de Portugal, recebe no último fim-de-semana de Setembro uma das romarias mais importantes do Alentejo.

Situado numa zona rural, em local isolado, numa planície que se estende entre Évora e a serra, a cerca de 2 km do centro histórico da vila de Viana do Alentejo, o santuário está junto a um importante ponto de confluência da estrada romana de *Ebora* (Évora) e *Pax Julia* (Beja).

Nas imediações, existiam vestígios romanos e visigóticos e alguns deles foram incorporados na construção da igreja, como é o caso das duas aras, com inscrições em latim, integradas nos pilares do muro do adro.

O culto local a Nossa Senhora encontra-se associado a várias lendas, constando uma delas numa inscrição na portada da igreja. É um texto em latim que relata que, após a expulsão dos mouros destas terras, um lavrador arava o campo e encontrou dentro de um pote de barro uma imagem que, segundo a tradição, é a mesma que se encontra no altar.

Frei Agostinho de Santa Maria, em Santuário Mariano (1718), conta que a Villa de Viana Alem Tejo é de fundação tão antiga que se atribui aos celtas o seu povoamento, alguns anos antes de Cristo. Com a ocupação dos mouros, veio a ser destruída e só foi povoada no reinado de D. Dinis, pelo ano de 1312.

Voltando ao santuário, Frei Agostinho diz que “Nossa Senhora de Ayres” era muito venerada e concorrida pelos povos de “Alem Tejo” e que se chegavam a juntar mais de 12 mil pessoas.

Em 1748, verificou-se em Évora uma enorme epidemia, pelo que os comerciantes locais prometeram à Virgem uma festividade se a peste desaparecesse. Atendida a prece, foram organizados festejos durante três dias, em honra de Nossa Senhora. As festas continuaram a ser celebradas anualmente com bastante afluência de devotos, não só de Évora, mas também dos povoados vizinhos.

A ermida quinhentista deu lugar a uma nova igreja que foi dedicada em 1760. Com a conclusão das obras, em 1804, realizou-se a sagração do santuário.

Devido à grande afluência de peregrinos e de forasteiros, o Marquês de Pombal, a pedido do Senado de Viana do Alentejo, em 1751, concedeu o alvará que declarava o mercado, realizado junto ao santuário, como feira franca.

O portal de entrada da igreja, datado de 1755, é uma elaborada peça rococó, com decoração esculpida em elementos fitomórficos e enquadra uma dedicatória em latim a Nossa Senhora.

Na sua composição interior, destaca-se o altar de talha dourada, as pinturas no tecto e uma sala anexa – Sala dos Milagres. A imagem venerada é uma Pietà em pedra de Ançã, policromada, do séc. XV.

Existe no santuário grande número de imagens, que datam dos sécs. XVI a XIX, sendo, algumas das mais antigas, provenientes da primitiva construção. A fé popular encontra-se comprovada nas paredes totalmente revestidas de ex-votos, o que constitui um dos mais curiosos museus de arte popular do país.

Do conjunto fazem parte uma antiga hospedaria, edifício de corpo longitudinal, de um só piso, onde se alojavam o sacristão e o guarda. Aí se conservavam as esmolas de peregrinos e algumas alfaias religiosas.

A principal festividade em honra de Nossa Senhora de Aires, em Setembro, consiste nas celebrações religiosas, nas quais se inclui a habitual procissão em redor do santuário.

Realizam-se nesta data várias actividades, como a feira, com origem no alvará de 1751, exposições, espectáculos e provas desportivas. São as conhecidas festas do concelho de Viana do Alentejo.

A romaria a cavalo, tradição que esteve interrompida durante mais de 70 anos, foi retomada em 2001. Todos os meses de Setembro, um conjunto de lavradores ia ao santuário, atravessando aquela que era a antiga canada real. Passando por quintas e estradas de terra batida, iam benzer os animais durante a procissão e pedir boas colheitas para a agricultura a Nossa Senhora de Aires, também padroeira dos animais.

Actualmente, realiza-se no mês de Abril, com romeiros que se deslocam da igreja de Nossa Senhora da Viagem, na Moita, até este santuário. Esta peregrinação percorre cerca de 120 km, seguindo por esse antigo caminho, a canada real, também conhecido pela estrada dos espanhóis.

In Romaria: Nossa Senhora de Aires, uma das peregrinações mais marcantes do Alentejo | Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura

PORTUGAL

A Fundação AIS recebeu, a nível global, 145,8 milhões de euros em donativos e legados ao longo do ano passado, e apoiou um em cada dez padres e um em cada oito seminaristas de todo o mundo. Em Portugal, 2025 revelou-se o melhor ano de sempre com um total de donativos a atingir os 4,268 milhões, o que significou um aumento, face a 2024, de quase 9%.

VENEZUELA

A presidente da Fundação AIS Internacional visitou o país para manifestar solidariedade após duplo terramoto, a 24 de Junho, que causou milhares de vítimas. Regina Lynch, acompanhada por Maria Lozano, responsável internacional de comunicação da AIS, visitou as dioceses mais afectadas, tendo manifestado a proximidade da instituição pontifícia à Igreja local e às populações. Os sismos, recorde-se, deixaram um profundo rasto de destruição em várias regiões do país, especialmente em Caracas e em La Guaira. Para apoiar a resposta imediata da Igreja local, a Fundação AIS Internacional aprovou de imediato um pacote inicial de ajuda de emergência no valor de 100 mil euros e o secretariado nacional da instituição avançou com uma campanha de ajuda de emergência.

NIGÉRIA

Morreu, cinco meses depois de ter sido raptado, a 9 de Fevereiro, o catequista Victor Paul. Na altura, foram raptadas cerca de 30 pessoas, entre as quais a mulher do catequista, que estava grávida, e um filho. No entanto, quase todos acabaram por ser libertados, mas cinco dos raptados, entre os quais o catequista, acabaram por morrer em cativeiro. A onda de violência contra os Cristãos na Nigéria é muito preocupante e tem sido denunciada constantemente pela Fundação AIS...

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

IRAQUE

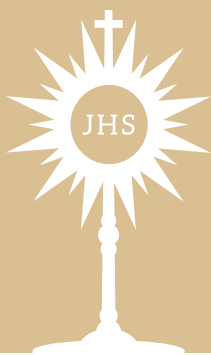
O Papa encorajou, numa mensagem vídeo, centenas de jovens que viveram a ocupação jihadista no Iraque a tornarem-se luz para o mundo. Os jovens, mais de 700, participaram em Julho no Encontro de Ankawa (AYM), no norte de Erbil, cuja organização teve o apoio da Fundação AIS. Erbil foi um dos principais destinos da fuga de milhares de cristãos ameaçados pelo avanço jihadista na Planície de Nínive no Verão de 2014.

R. C. AFRICANA

O Padre Crépin Monga, pároco de São João Baptista foi assassinado a tiro por homens armados ainda não identificados, na noite de segunda-feira, 29 de Junho. O crime ocorreu em Zémio, uma região assolada por muita violência. Para o Bispo de Bangassou, D. Aurélio Gazzera, que assumiu formalmente os destinos da diocese cinco dias antes, após renúncia de D. Juan Aguirre, a morte deste sacerdote foi “uma perda tremenda” para a comunidade local. Já em Janeiro, o prelado alertava para a situação humanitária alarmante nesta zona da República Centro-Africana, com mais de 20 mil deslocados.

MOÇAMBIQUE

Após reunião virtual com o Bispo de Pemba, no final de Junho, a Comissão Justiça e Paz de Portugal chamou a atenção da sociedade, do Governo e das autoridades europeias para a “dramática situação” que se está a viver no norte de Moçambique, em especial em Cabo Delgado. Um alerta em que se sublinha que os ataques terroristas têm atingido “em particular os Cristãos”, e para que este drama não caia no esquecimento nem na indiferença. A situação nesta região é particularmente alarmante e, face a isso, a Fundação AIS lançou, em Portugal, uma campanha de auxílio para as dioceses mais atingidas pela ameaça terrorista.



CAPELAS DE ADORAÇÃO PERPÉTUA

*Adoração
24 horas*

ADOREMUS BRAGA

No passado dia 4 de Junho, Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, teve início a **Adoração Eucarística Perpétua na Igreja de São João do Souto**, no centro da cidade de Braga.

A adoração eucarística, nesta igreja, acontece **24 horas por dia, sete dias por semana, ao longo de todo o ano**. É uma adoração em **silêncio**, exceptuando a **oração comunitária do Terço** e a **celebração da Eucaristia**, respectivamente às 9h30 e às 10h, de segunda a sábado.

Trata-se de um espaço acolhedor, que possibilita o encontro silencioso e profundo com Jesus. Há, também, um **horário de atendimento espiritual e confissões**, em que está um sacerdote disponível para atender ou confessar quem o desejar, nos seguintes horários: **das 15h às 16h**, de segunda a sexta-feira, excepto à quarta-feira; **das 18h30 às 19h30**, à sexta-feira e ao Domingo.

Quem desejar oferecer a Jesus uma hora por semana, para estar com Ele, verdadeiramente presente no Santíssimo Sacramento, pode inscrever-se online, através do link disponível nas redes sociais **@adoremus.braga**, ou solicitando uma ficha de inscrição através do email: **adoremus.braga@gmail.com**

Pode ainda encontrar fichas de inscrição em papel, nos seguintes locais da cidade de Braga: **Basílica dos Congregados (secretaria)**, **Igreja de Santa Cruz**, **Igreja paroquial de São José de São Lázaro**, **Museu Pio XII** ou **Lar Conde de Agrolongo (portaria)**.

Espera-se que a Adoração Eucarística Perpétua no coração da cidade e da Arquidiocese de Braga seja uma forma concreta e simples de **“levar Jesus a todos e todos a Jesus”**.

Igreja São João do Souto

- > Rua Dom Afonso Henriques, 23. 4700-105 Braga
- > (+351) 961 917 723
- > adoremus.braga@gmail.com



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt